

Discursos



DISCURSO PARA A SESSÃO COMEMORATIVA DO 8 DE JULHO

Terezinha Oliva

Nesta sessão comemorativa que em obediência ao seu Estatuto o IHGSE realiza, considerando o 8 de julho data central para a história e a memória sergipanas, o Presidente Samuel Albuquerque me propôs uma fala alusiva ao centenário do ilustre Padre Aurélio Vasconcelos de Almeida, membro deste Instituto, nascido em Santo Amaro das Brotas em 16/06/1911.

Surpreendida pela sugestão, objetei ao Presidente que eu deveria tratar de assunto relativo ao tema da Emancipação de Sergipe, mas ele defendeu a sua idéia argumentando que eu poderia tentar relacionar a obra maior do Padre Aurélio, o “Esboço Biográfico de Inácio Barbosa” com a temática do dia. Terminei concordando com a oportunidade da sugestão, pois de fato, para o Padre Aurélio Vasconcelos o Presidente Inácio Barbosa traçou, no curto período em que foi Presidente da Província (1853-1855), as bases para a verdadeira Emancipação de Sergipe, simbolizada na introdução da navegação a vapor na Barra do Cotinguiaba e, particularmente, na fundação da cidade de Aracaju.

No Prefácio ao “Esboço Biográfico”, a Professora Maria Thetis Nunes mostra que o Padre Aurélio fez a sua formação no Seminário Diocesano de Aracaju, fundado por D. José Tomaz Gama da Silva; foi por este primeiro bispo de Aracaju ordenado em 1934, na Catedral Diocesana, permanecendo em Sergipe como pároco de Santo Amaro das Brotas até 1938, quando se transferiu para São Paulo.

Além dos estudos de Teologia, em São Paulo graduou-se em Pedagogia e Direito, foi professor de ensino secundário, Inspetor Federal do Ensino Secundário – mais tarde Técnico em Assuntos Educacionais - e professor da PUC de Campinas. Em 1951 assumiu a Paróquia Nossa Senhora das Dores, na cidade de Nova Odessa, onde permaneceu até a morte, em 1999. Vendo as homenagens que Nova Odessa presta a esse centenário, pode-se avaliar a importância da atuação do pároco naquela cidade. Mas apesar da distância definitiva, que se prolongou por 61 anos, o religioso cultivou estreitas ligações com Sergipe. Sócio desde Instituto, o nosso homenageado contribuiu com a sua Revista, colecionou inúmeros documentos que foram doados ao IHGSE e manteve ativa correspondência com Epifânio Dórea. Foi, aliás, este Secretário Perpétuo do Instituto quem estimulou o Padre Aurélio a escrever o Esboço Biográfico de Inácio Barbosa, em comemoração ao primeiro centenário de Aracaju e da morte do seu fundador e lutou para conseguir a sua publicação, sem obter sucesso. Caberia à Professora Maria Thetis Nunes, 45 anos após, conseguir da Prefeitura Municipal de Aracaju, na gestão Marcelo Deda, este intento.

O “Esboço Biográfico de Inácio Barbosa”, publicado em três volumes entre os anos 2000 e 2003, é definido pelo seu autor, como “um misto de biografia e de história sergipana”. Embora o Padre Aurélio se declare devedor dos estudiosos da história de Aracaju que o precederam, de alguns deles diverge frontalmente. Felisbello Freire, Manoel dos Passos de Oliveira Teles, Sebrão Sobrinho, Fernando Porto, José Calazans, Mário Cabral, Bonifácio Fortes, Clodomir Silva e Enock Santiago estão entre os autores com quem ele dialoga além da profusa citação de fontes arquivísticas, literárias e jornalísticas. Um trabalho de cuidadosa pesquisa histórica, de copiosa transcrição de fontes e de tal confiança no que elas podem revelar que o Padre Aurélio, a partir de acurada crítica histórica, procurou estabelecer em bases sólidas o conhecimento a respeito das origens da nossa capital.

Avalia Itamar Freitas, na sua indispensável “Historiografia Sergipana”, que o nosso Autor se comporta como “um narrador muito discreto, um

organizador de testemunhos”¹. Embora ache que isto se aplique um pouco menos ao vol. II, sou tentada a concordar com esta avaliação, mas penso que a busca de objetividade na argumentação historiográfica não esconde as posições do Autor, ao traçar para o fundador de Aracaju o perfil de um homem excepcional, um político de escol, que teria tido em Sergipe uma ação pedagógica contra a prática política baseada em interesses familiares e nas mesquinhas lutas de facções. Aurélio Almeida dá a Inácio Barbosa o estatuto de um estadista, dono de uma biografia sem mácula, a ponto de o mesmo Itamar Freitas afirmar que na obra “Barbosa é quase um santo”².

Na verdade o Padre Aurélio revela um amor e um entusiasmo a toda prova pela cidade de Aracaju à qual procurou dar uma origem nobre. Não uma origem mitológica, como acontece com tantas grandes cidades da história, mas um início com sentido grandioso, a partir da dignidade do homem que a concebeu. Daí todo o esforço para comprovar que Inácio Joaquim Barbosa foi o verdadeiro fundador desta cidade que, assim como o biografado, se torna também a protagonista do “Esboço”. A história de Aracaju, situada no contexto local e nacional, vista como resultado de um projeto que emerge da política imperial da Conciliação dos partidos e só por ela se tornou possível, é, para o Padre Aurélio, o sinal de uma nova era para Sergipe – a era da sua efetiva emancipação.

A historiadora Maria Thetis Nunes, diz no Prefácio acima citado que a fundação de Aracaju fecha um período da história de Sergipe “iniciado com a Carta Régia de Dom João VI, de 08 de julho de 1820, concedendo-lhe autonomia política e culminando com o Decreto de 17/03/1855, transferindo a capital....”³.

Eis como é apropriado falar da obra do Padre Aurélio Vasconcelos de Almeida na sessão de hoje: nela Inácio Joaquim Barbosa é apresentado como o realizador de uma idéia emancipadora, pois a rebocagem a vapor na Barra do Cotinguiba, antiga aspiração dos sergipanos, pôde se concretizar a partir da organização da Associação Sergipense, com-

¹ FREITAS, Itamar. *Historiografia sergipana*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007, p. 205.

² *Ibid.*, p. 206.

³ ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. III. Aracaju: Prefeitura Municipal, 2005, p. 9.

panhia de rebocagem formada exclusivamente por capitais sergipanos, iniciativa com a qual o Presidente Barbosa “plantara o espírito de associação que é uma alavanca da civilização moderna”⁴. A Associação Sergipense foi aprovada pelo decreto nº 1457 de 14/10/1854, reunindo “em cooperação os luzias e saquaremas, gregos e troianos, residentes em Sergipe.”⁵ (idem, p. 20) O Autor realça o significado da Associação Sergipense transcrevendo o que disse dela um contemporâneo: “O comércio da Bahia, vendo que a rebocagem a vapor animando os estrangeiros a virem aqui comprar os nossos produtos, lhes arrancava a presa, que de nós fizera há largos anos, e que cada vez lhes era mais cara, e a nós mais doloroso, não poupou esforços para obstar o plano generoso do Presidente e faze-lo morrer no germe. Desanimou como pôde os ânimos de Sergipe, taxando, ou de impossível ou de improfícua a empresa! O comércio de uma casa estrangeira nesta província, que só queria ter o monopólio da compra dos nossos açúcares, para taxar-lhes o preço por falta de competência, também quis desacreditar o intento do Presidente.”⁶ A navegação a vapor na Barra do Cotinguiba teve como seu conseqüente a mudança da capital, pois a sede e o ancoradouro do rebocador viriam instalar-se nas terras do povoado do Aracaju. Estas terras começaram a ser alvos do interesse dos investidores, provocando “a corrida às praias do Aracaju com aforamentos de terrenos de Marinha e compras de terras pelos previdentes, de forma nunca dantes verificada.”⁷ (idem, p. 119) De fato, não era mais em torno de São Cristóvão que girava a vida econômica da Província. Assim, conclui o nosso homenageado, acompanhando Enock Santiago e José Calazans e contrapondo-se a Felisbello Freire e a Manoel dos Passos: “a causa inspiradora da mudança da capital, foi exclusivamente comercial, ou seja, econômico-geográfica tendo, por fim, o maior bem comum da Província.”⁸

⁴ ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. II. Aracaju: Prefeitura Municipal, 2003, p. 15.

⁵ *Ibid.*, p. 20.

⁶ ALMEIDA E CASTRO apud ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. II. Aracaju: Prefeitura Municipal, 2003, p. 21 e 22.

⁷ *Ibid.*, p. 119

⁸ *Ibid.*, p. 161.

Não tenho dúvidas de que o estudo da emancipação de Sergipe passa pela leitura da obra de fôlego do historiador Aurélio V. de Almeida. Sua análise da política provincial é esclarecedora de como agiam as elites sergipanas no Império e de como Sergipe enfrentou os desafios postos por um incompleto processo de emancipação. Se os progressos da produção açucareira constituíram motivo para a separação de Sergipe da Bahia, essa Província continuou a ter um papel essencial na economia de Sergipe pelo controle da exportação do açúcar.

Assim, ainda que se possa argüir o Autor por muitas ausências – como a das camadas médias e populares e dos escravos – ele já nos presta um grande serviço desnudando comportamentos da elite açucareira e mostrando como os presidentes enviados pelo Imperador tiveram que se haver na teia de interesses familiares e locais. Por outro lado, concentrado na figura de Inácio Barbosa, o Padre Aurélio toma o fundador da capital como um herói civilizador e emancipador, ocupando-se no primeiro volume em demonstrar a sua trajetória familiar e política. Contrapõe-lhe um Barão de Maruim silencioso, “atladíssimo”, navegando nas águas da política partidária em questões momentosas, sem conseguir apresentar-se com a estatura do Presidente, em seu papel central na história de Sergipe.

No segundo volume o biografado é o coadjuvante da sua obra maior – a cidade de Aracaju. A criação da Associação Sergipense está nas origens da idéia sobre a cidade e esta aparece como uma realização necessária e conseqüente, quase inevitável, fadada a um grande porvir. A identidade do fundador é trabalhada em contraponto às mais importantes personalidades da Província de Sergipe, particularmente o Barão de Maruim, sempre colocado no papel de coadjuvante. Causas da mudança da capital, o significado etimológico da palavra Aracaju, sua localização e primeiras construções encerram o volume que é, ao meu ver, o mais opinativo e interpretativo da trilogia.

Finalmente o terceiro volume trata das origens religiosas da capital, sua dedicação à Imaculada Conceição e a construção do primeiro templo, seguindo-se a abordagem das dificuldades para a implantação da cidade. Aqui o Autor mostra a tenacidade e a capacidade dos sergipanos em con-

quistar a sua própria independência, através da nova capital, fechando o que me parece o plano geral da obra: a biografia de Inácio Barbosa é o mote para a interpretação sobre um momento crucial da história de Sergipe. Aqui se revelou o grande homem, aqui se deu a oportunidade que lançou Inácio Barbosa na história, aqui ele encontrou, precocemente, a morte. Os sergipanos, que completam a obra do fundador mal começada, terminam sendo, portanto, personagens dessa biografia. Encerram o terceiro volume os cânticos de glória – à cidade e ao seu fundador - com as homenagens que lhe foram prestadas na cerimônia fúnebre em Estância e mais tarde, na transferência dos restos mortais para Aracaju, culminando com a construção do obelisco que o consagrou e o transformou, nas primeiras décadas do século XX, em herói emancipador.

Como puderam ver, tratamos o tempo todo da obra do Padre Aurélio e tratamos todo o tempo da emancipação de Sergipe. Já era tempo de ligar a figura desse estudioso à historiografia da nossa emancipação. No seu centenário de nascimento, o Instituto Histórico, agradecido, reconhece a grande contribuição do imortal confrade, um dos construtores da Casa de Sergipe no cuidado e no amor à memória e à história de Sergipe.

Muito obrigada!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. I. Aracaju: Prefeitura Municipal, 1999.

_____. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. II. Aracaju: Prefeitura Municipal, 2003.

_____. *Esboço biográfico de Inácio Barbosa*. Vol. III. Aracaju: Prefeitura Municipal, 2005.

FREITAS, Itamar. *Historiografia sergipana*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.